

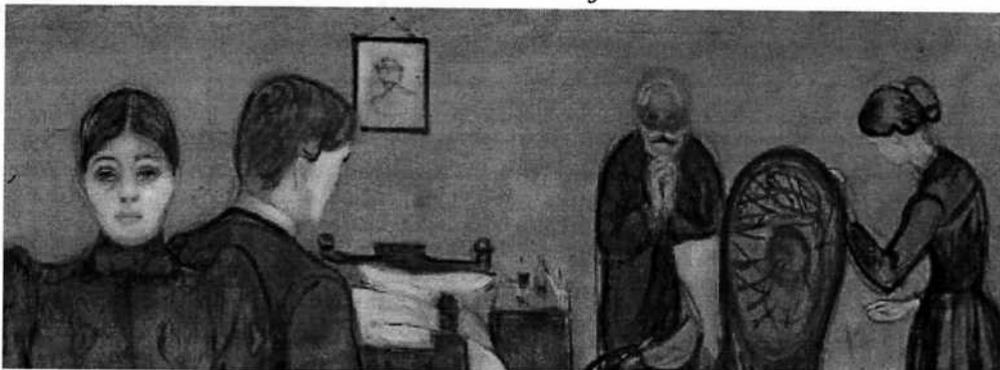
# Literatura Brasileira Contemporânea

Brasília, primeira quinzena de junho de 1997 - ano I, nº 4.

boletim

## Uma oração pervertida e fúnebre

Adriana Araújo



Munch

*Uma história de família* - Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Rocco, 1992, 105 pp.

**N**ARRAR O OLHAR - Um homem que prestes a morrer tenta um diálogo com seu tio já morto é o ponto de partida desse romance intrigante e bem urdido de Silviano Santiago. O narrador procura, nessa conversa impossível, se comunicar com o tio mudo e deficiente mental que só foi visto por ele uma única vez. É na pensão da avó italiana que ele, comendo seu pão com café e leite, vê a avó implorando a Deus a morte desse filho-vergonha que, inesperadamente, sorri em troca da brutalidade maternal. O narrador mastiga essa cena por toda a primeira parte da narrativa, e junto com o pão ele engole um tanto de espanto e pena, de raiva e pavor. E considerando que a mãe desse menino morreu na hora de seu parto, a mãe que quer matar o filho não deixa de tocar a consciência de um filho culpado pela morte da mãe.

O diálogo que não se estabelece com o tio é pontuado por olhares do narrador, é pelo olhar do outro que ele se constrói e, finalmente, se desconstrói. Nesse movimento pode-se perceber duas fases da narrativa. Até o capítulo 15 o narrador observa, e nessa posição de observador se identifica com o leitor. Os dois são espectadores. Um revendo e o outro vendo pela primeira vez. Um contido no olhar do outro. Os recursos utilizados na reconstrução da cena privilegiam o olhar. Como se assistisse a um filme em *slow motion*, o narrador desfaz a cena da avó com o tio fotograma a fotograma, de onde extrai uma foto 3x4 imensa do tio. É também de uma montagem de fotos da pequena cidade de Formiga, tiradas por um fotógrafo francês, que o narrador monta vestígios da sua infância: a coqueluche, a morte da mãe, o carinho de uma babá italiana substituída pela madrasta, fragmentos que se juntam no olhar do francês.

Aqueles fotogramas da infância ganham balões de

diálogos como em uma revista em quadrinhos na qual o narrador adivinha o que passa pela cabeça vazia e calma do tio. Ele tenta decifrar o seu sorriso, sincero, ingênuo e constante, que incomoda tanto o bem estar da família. Incomodada pela vergonha, incomodada pela qualidade de estrangeiros mal quistos, incomodada pela simples presença sorridente daquele louco que desejam desesperadamente morto, por acharem ser ele o empecilho para que sejam aceitos, o entrave para que fossem iguais, invisíveis. Essa primeira fase da narrativa assume um tom de oração pervertida e fúnebre. O filminho da morte, velório e enterro do tio entrecorta a narrativa como num réquiem ao tio sorridente e saudável, que se recupera de dois atentados à sua vida, teimando em não obedecer à mãe. Filhos atingidos pela morte. Como recebê-la? Com calma, como o tio, ou em convulsão, na qual sabe estar o narrador?

**V**OZES SUSPEITAS - É justo suspeitar do narrador, já que não é lá tão coerente tentar dialogar com uma pessoa que já está morta e, especialmente, com uma que mesmo em vida não conversou com ninguém por incapacidade mental. Não será louco o narrador? E culpado. Culpado por ter sido a causa da morte da mãe, enterrada na mesma cova que o tio. Culpado por ter assistido àquela cena-confissão e não ter alertado... quem? Na epígrafe está que cada louco é guiado por um cadáver. Será que ao invés do cadáver do tio este louco não é guiado pelo cadáver da mãe, já que esse tio talvez seja o único meio possível de chegar ao corpo de verdade da mãe, enterrada na mesma cova que ele? As duas vozes mudas (tio e mãe) são as que mais expressão têm na narrativa. Podemos ou não assumir a verdade no discurso do narrador. Estatuto que é alterado a partir do capítulo 17, com a recebimento da carta do Dr. Marcelo. Então o

(continua)

SILVIANO SANTIAGO

## Pervertida e fúnebre

(continuação)

louco não é o narrador, mas o médico. Ou, não o médico, mas a mulher de seu Onofre, que conta o mais terrível e improvável, em seu leito de morte, ao médico: o fato da própria mãe (avó do narrador) ter tramado um atentado à vida do filho (tio Mário) junto com seu capanga e amante, seu Onofre, farmacêutico elegante e respeitável. Isso depois de já ter assassinado também o marido.

Nesses dez últimos capítulos, o tom da narrativa é outro, acelerado e determinado pelos efeitos que a carta causa no narrador. Ele não mais olha, mas é olhado pela carta do médico, carta que revela o narrador e os verdadeiros acontecimentos na cidade da avó, até agora apenas vistos e revistos pelos olhos do narrador-menino e do narrador-moribundo. A carta descobre segredos e desfaz maquiagens, tudo se torna o que deveria ser e muito pior ainda. Há uma interpenetração de vozes suspeitas, começando com a do narrador, passando pela da mulher de seu Onofre e pela do médico, todos tensionados por seus próprios dramas internos: "a mulher de seu Onofre repete as palavras que lhe foram ditas à noite pelo marido. O Dr. Marcelo repete as palavras que lhe foram ditas pela sua paciente no leito de morte. Eu repito as palavras que o Dr. Marcelo me escreve na carta".

O narrador se torna prisioneiro das palavras alheias pelo mesmo gesto que o faz observado pelo olhar do outro. Que o devassa, que o confronta com seus medos recalçados, que o faz alterar a tônica da sua narrativa: "não narro mais pelo prazer de saber. Narro pelo gosto de narrar". Na primeira fase da narrativa foram construídas imagens da avó, do seu Onofre e de si mesmo, que serão desconstruídas e descascadas na segunda fase. O monte de feijão sujo que ao se desfazer faz o monte de feijão limpo. Ou o contrário? Para depois de catado se fundir ao fubá peneirado na composição do angu, metáfora do romance. Um espaço para discussão e confrontação daquelas vozes mortas e seus motivos, no interior de uma família migrante que tenta se apagar para melhor se misturar aos dali. A encenação desse confronto é feita por vozes redivivas na voz do narrador. A construção do romance como conversa é irônica, na medida que diz da impossibilidade dela. Não há uma única voz viva e autêntica, além da do narrador. Tudo o mais aparece em forma de construção de imagem (fotogramas, fotos, histórias em quadrinhos) ou de escrita (carta e jornal). O romance diz da impossibilidade de comunicação daquela família e da nossa de todos os dias, das lacunas do falado e do vivido, do que se perde no tanto que foi dito. E não é que seja uma incomunicação com pessoas do trabalho ou da rua mas, como percebo no romance, com as da família, aquelas que mais amamos.

**Adriana Araújo** é professora de Literatura Inglesa e mestranda em Teoria Literária na UnB.

PRÊMIO NESTLÉ

## Vitória da mídia



A divulgação dos ganhadores do Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira não trouxe surpresas. Num concurso que delegou a decisão a um numeroso "colégio eleitoral", formado por professores, freqüentadores de livrarias e usuários de bibliotecas, era de se esperar que as obras mais badaladas pelos meios de comunicação saíssem na frente, em detrimento de outras, muitas vezes mais significativas. Na categoria *romance/autor consagrado*, venceu Carlos Heitor Cony, com o fraco *O piano e a orquestra* (Companhia das Letras). Em *romance/autor estreante*, o premiado foi o psicanalista Luiz Alfredo Garcia-Roza, com *O silêncio da chuva* (Companhia das Letras), um livro policial apenas correto. Manoel de Barros ganhou a categoria *poesia/autor consagrado*. Trata-se, sem sombra de dúvida, de um dos maiores poetas vivos do Brasil - mas *Livro sobre nada* (Record) é, também sem sombra de dúvida, um de seus momentos menos inspirados. O prêmio de *poesia/autor estreante* foi para Antonio Cícero e seu dispensável *Guardar* (Record). Mais ainda do que Garcia-Roza, Cícero, letrista e irmão da cantora Marina Lima, é um estreante *sui generis*, com grande penetração na mídia.

A única meia-surpresa ocorreu na categoria *contos/autor consagrado*. A safra de 1996, no gênero, realmente não foi das melhores, a julgar pelos finalistas da premiação. Ainda assim, a vitória de Edla Van Steen, com *Cheiro de amor* (Global) - em vez do Silvano Santiago de *Keith Jarrett no Blue Note* (Rocco) - dificilmente é explicável. O laureado em *contos/autor estreante* foi Antonio Fernando Borges, com *Que fim levou Brodie?* (Record).

**Sexta, dia 13 de junho**

***Perversas famílias*, de Luiz**

**Antonio de Assis Brasil**

O primeiro livro da trilogia *Um castelo no pampa* é o tema da próxima reunião do GT.

**Sexta, 13 de junho, às 16 hs., na sala B1-242 (ICC Centro).**

**PARTICIPE!**

Obras para os próximos encontros:

27/6 - *Ópera dos mortos*, de Autran Dourado

11/7 - *Bandoleiros*, de João Gilberto Noll

**Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim** é um informe quinzenal do GT Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília. Correspondência para: GT Literatura Brasileira Contemporânea, A/C Profª Regina Dalcastagnè, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, CEP 70910-900 - Brasília - DF; e-mail: rdal@guarany.cpd.unb.br